

# RECENSÃO

SMITH, James K. A. – CAVANAUGH, William T. (org.). *A evolução e a Queda: implicações da ciência moderna para a teologia cristã*. Coleção Fé, Ciência e Cultura. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

**Marcos Sabater Muñoz**

---

Doutorando em Teologia dogmática pela *Pontificia Università Lateranense* de Roma, onde fez o mestrado. Professor encarregado de Teologia dogmática no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília. E-mail: marcos.sabater1@gmail.com

A editora Thomas Nelson Brasil atraiu a atenção em 2021 de estudantes e pesquisadores das diversas áreas humanas e sociais com a publicação traduzida ao português de *Evolution and the Fall* (2017). O livro, que forma parte da coleção Fé, Ciência e Cultura, recolhe uma série de dez artigos nos quais os autores desenvolvem diversos recursos com vistas a uma reelaboração das questões antropológicas fundamentais para a filosofia e a teologia, a partir dos avanços das ciências modernas.

Os artigos, que se distribuem em quatro capítulos, jogam luz sobre a antropologia teológica no horizonte interdisciplinar. Os editores da publicação (James K. A. Smith, professor na Calvin University de Michigan, e William T. Cavanaugh, diretor do Center for World Catholicism and Intercultural Theology na DePaul University de Illinois) têm elaborado com esmero a seleção de textos e a organização bibliográfica para plasmar a riqueza do diálogo entre áreas diversas sobre temáticas transversais.

Os autores do livro abrangem os principais campos da tradição cristã que, interpelados pelas teorias científicas sobre as origens humanas, contribuem ao diálogo cultural e disciplinar mediante uma reflexão séria (biologia, teologia, história, exegese bíblica, filosofia, política). Toda linha de pensamento a ser desenvolvida pelos intelectuais cristãos deve considerar a fé cristológica confessada, celebrada e vivida como o marco inicial para fundamentar seus argumentos sobre as origens do homem e da criação.

Nesse sentido, as diversas reflexões sobre os dados recebidos pela Revelação levam a um desenvolvimento, melhoramento e aprofundamento da tradição, tendo em conta também uma revisão dos seus objetivos. O trabalho dos filósofos e dos teólogos, dentro do âmbito da antropologia cristã nas suas respetivas áreas, consiste em preservar os elementos considerados fundamentais e determinantes pela tradição, e transmiti-los na geração atual como “razões e avanços” para estender a tradição cristã no horizonte do diálogo com o mundo, especialmente no ambiente científico.

O livro é estruturado em quatro partes, sendo a primeira um *status quaestionis* sobre a doutrina das origens humanas, ordenada em três pesquisas. Na primeira (*Origens humanas*), o biólogo Darrel R. Falk introduz o leitor no estado atual em que se encontra a questão das origens humanas com relação às ciências. A cognição simbólica passou a formar parte integrante do *Homo sapiens* mediante o surgimento da linguagem, um dos elementos fundamentais na origem da singularidade humana. Somente a espécie humana possui a plena consciência da autoconsciência dos outros. Quem argumenta que a realidade do homem é fruto exclusivamente de um processo de seleção natural não cumpre com os critérios específicos de demarcação e de autonomia das ciências.

O segundo artigo (*Todos morrem em Adão?*), da teóloga Celia Deane-Drummond, sublinha a riqueza que constitui o diálogo entre ciência e teologia à luz do Magistério da Igreja sobre o pecado original. A reflexão progressiva do Magistério em relação com o caráter científico da evolução da espécie humana tem levado a uma aproximação frutífera entre a filosofia, a teologia e as ciências humanas. Uma visão evolutiva do mundo biológico é conciliável com a visão antropológica da Revelação divina por meio do “salto ontológico” que, além de transcender o âmbito físico e biológico, distingue as pessoas humanas dos animais. A autora faz uma abordagem, a partir de alguns Padres da Igreja e Doutores, para enfatizar a dimensão social e comunitária dos relacionamentos humanos, associando-a ao ato

em si do pecado enquanto causa de fragmentação e divisão entre os seres humanos.

A última pesquisa desta primeira parte (*O que está em jogo na Queda?*), do filósofo James K. A. Smith, desenvolve uma análise sobre a doutrina agostiniana da Queda, sublinhando a bondade de Deus como núcleo da revelação divina. A bondade de Deus na criação é anterior à doutrina do pecado e da Queda, de modo que o pecado implica uma subversão do próprio homem contra sua natureza humana. A experiência real da Queda remete à realidade existencial do ser humano como um evento não exclusivamente pontual, mas episódico e temporal. As dificuldades que entranham a afirmação teológica da existência de um casal histórico (Adão e Eva) devem incentivar os teólogos a descobrirem novos espaços interdisciplinares que aporem luz à conflitualidade do assunto.

A parte segunda do livro enfatiza o caráter basilar das fontes bíblicas e das reflexões teológicas da Tradição da Igreja para redescobrir elementos ainda não suficientemente aprofundados sobre a questão das origens. No artigo *Lendo Gênesis 3 atentos à evolução humana*, o exegeta bíblico J. Richard Middleton aborda o diálogo entre ciência e fé, superando as barreiras do ceticismo empírico e do fundamentalismo religioso. Por meio da elucidação do texto de Gn 2-3 referente à criação e ao pecado, o autor associa os temas teológicos clarificados com os dados científicos sobre a história evolutiva do *Homo sapiens*. Ele desenvolve uma série de “correlações” e “pontos de contato” entre a visão antropológica revelada por Deus e o conhecimento científico adquirido até hoje. Os elementos teológicos, longe de dissociar-se dos dados científicos, abrangem realidades compatíveis e reconciliáveis das diversas áreas das ciências humanas.

O teólogo Joel B. Green, no seu artigo *Adão, o que você fez?*, focaliza alguns textos judaicos sobre a figura de Adão, assim como as epístolas de Paulo e Tiago, para sugerir que a Queda se refere mais propriamente a uma qualidade disseminada da experiência humana – caracterizada

por emergir gradualmente – do que a um acontecimento episódico. Nos escritos sagrados do período do segundo templo, a realidade do pecado é considerada uma inclinação ao mal omnipresente em toda a humanidade. Enquanto que no Antigo Testamento, o pecado é introduzido pelo desejo na existência do homem, já nos escritos neotestamentários, o pecado é visto como a causa dos maus desejos que nascem do coração humano. Qualquer esforço resulta inadequado diante da força do pecado se não conta com a vida espiritual da graça em Cristo.

No artigo *O mistério de Adão*, o teólogo Aaron Riches elabora sua reflexão teológica considerando a figura de Adão à luz de Jesus Cristo, o novo Adão. Se Cristo, enquanto pessoa concreta e histórica, veio para salvar o ser humano, então Adão deve ser também uma pessoa concreta como o são todos os indivíduos da espécie humana. Desse modo, o primeiro homem que deu origem à Queda pelo seu pecado pessoal encontra a resposta redentora no evento histórico de Jesus Cristo. A teologia e as ciências antropológicas não têm por que contradizer-se entre si, já que cada uma delas se refere às origens do homem desde perspectivas e enfoques diferentes. Sob a luz do evento cristológico do mistério pascal, a figura de Adão se torna real e concreta para o fiel.

A parte terceira do livro abrange duas análises sobre as implicações culturais da doutrina da Queda. No artigo intitulado *Sendo tudo o que deveríamos ter sido e ainda mais*, o eticista Brent Waters desenvolve uma reflexão séria sobre aquelas tentativas atuais que buscam eliminar as limitações humanas do envelhecimento e da morte por meio da tecnologia. A perfeição humana não se refere à eliminação das limitações que o homem experimenta nas diversas fases da sua existência, mas em viver o desígnio de felicidade inserido pelo Criador na sua natureza humana segundo cada uma dessas idades. A tentativa de superar as restrições da evolução natural – por meio da biologia, da biônica e da virtualidade – com vistas a alcançar um projeto transumano de imortalidade pessoal pressupõe renunciar à

condição de criaturalidade e deixar de viver o presente para projetar-se em um futuro incerto. A grandeza da precariedade da vida humana consiste em compadecer-se com o próximo.

O teólogo Norman Wirzba, no oitavo artigo (*Sobre aprender a ver uma criação caída e florescente*), assinala as coordenadas oferecidas nos relatos bíblicos da criação para interpretar a existência do homem como uma narrativa reconciliadora das criaturas com Deus. Para compreender e interpretar justamente o mundo e a realidade que o envolve é necessária uma teoria que esteja conectada a um etos por sua vez vinculado a uma ascese. A leitura cristã do mundo constitui uma visão global e integral que abrange cada elemento dentro do significado do amor fundante que deriva de Deus e que é recapitulado no evento crístico. O autor, desenvolvendo alguns elementos da cristologia antropológica de São Máximo o Confessor, apresenta o Logos encarnado como o princípio divino-espiritual que domina as paixões irracionais e as harmoniza com vistas à feliz realização da pessoa humana. Nessa perspectiva, a doutrina da criação oferece novas percepções sobre a natureza do pecado, a missão da Igreja e o significado da vida do homem.

Na parte quarta e última do livro, composta por dois estudos históricos, a temática enfoca algumas reconsiderações referentes às relações conflituosas entre o mundo das ciências e o âmbito filosófico-teológico. O teólogo William T. Cavanaugh, no seu artigo *A queda da Queda na teoria política do Início da Modernidade*, argumenta que o eclipse da doutrina do pecado original tem raízes políticas e não científicas. Na teoria política medieval, a Queda constituía a pré-história da vida em sociedade e, portanto, a motivação para fundamentar o governo como ferramenta para favorecer a convivência. A partir de Maquiavel e, posteriormente, com o dominicano Francisco de Vitória, a política se naturaliza e a doutrina da Queda fica relegada a um segundo plano. A secularização da política por parte do pensamento moderno desembocou no antagonismo entre ciência

e teologia, que a corrente inglesa mais influente (Thomas Hobbes, Robert Filmer e John Locke) radicalizou ao considerar a religião como mais um fenômeno imanente do homem.

O historiador Peter Harrison, no último artigo intitulado *Conflito entre ciência e religião é sempre ruim?*, reflexiona sobre a necessidade da conflitualidade no diálogo entre fé e ciência. Tendo como pano de fundo o caso Galileu, divisor de águas no caminho empreendido pela Igreja católica para aproximar-se do mundo da ciência, o autor defende que os conflitos entre ciência e fé são necessários para que a verdade teológica que subjaz às verdades científicas possa emergir e iluminar as dimensões específicas estudadas pelas diversas áreas científicas desde a unidade da realidade observada. A conflitualidade entre o discurso científico e o discurso teológico, para resultar frutífera, deve seguir uma série de princípios e prioridades. Em cada assunto abordado pelo diálogo fé–razão deverá prevalecer o critério de reconciliação e pacificação, discernindo entre aquilo que é o substrato ontológico e teológico da realidade objeto de estudo, e os graus de conhecimento científico sobre ela.

Em conclusão, o livro *A evolução e a Queda: implicações da ciência moderna para a teologia cristã* constitui uma ferramenta proveitosa para estudantes, divulgadores e docentes das áreas humanas e sociais que buscam um diálogo recíproco e interdisciplinar com a filosofia e a teologia. Quem o lê observa que a fé, longe de coagir a razão, amplia seu horizonte de pesquisa e reflexão, do mesmo modo que a razão esclarece elementos proporcionados pela fé que, em lugar de negá-los, os aprimora e pule. As considerações recolhidas pelos autores nos textos editados exprimem um modelo de diálogo verdadeiro e coerente que contribui para o amadurecimento da razão ampliada em todos os níveis de conhecimento.